

Em uma democracia não cabe às oposições, como ao povo em geral, senão aceitar o resultado das urnas. Mas nem por isso devemos calar sobre o como se conseguiu vencer, nem sobre o por que se perdeu. Os resultados eleitorais mostram que a aprovação ao atual governo apenas roçou um pouco acima da metade dos votos. Ainda que a vitória se desse por 80% ou 90% deles, embora o respeito à decisão deva ser idêntico ao que se tem hoje com a escassa maioria obtida pelo lulopetismo, nem por isso os críticos deveriam calar-se.

É bom retomar logo a ofensiva na agenda e nos debates políticos. Para começar, não se pode aceitar passivamente que a "destruição" do adversário, a propaganda negativa à custa de calúnias e deturpações de fatos, seja instrumento da luta democrática. Foi o que aconteceu, primeiro com Marina Silva, em seguida com Aécio Neves. O vale-tudo na política não é compatível com a legitimidade democrática do voto. Marina, de lutadora popular e mulher de visão e princípios, foi transformada em porta-bandeira do capital financeiro, o que não é somente falso, mas inescrupuloso. Aécio, que milita há 30 anos na política, governou Minas duas vezes com excelente aprovação popular, presidiu a Câmara e é senador, foi reduzido a playboy, farista contumaz e "candidato dos ricos".

Até eu, que nem candidato era, fui sistematicamente atacado pelo PT, como se tivesse "quebrado" o Brasil três vezes (quando, como ministro da Fazenda, ajudei o país a sair da moratória), como se tivesse deixado a Presidência com a economia corroída pela inflação (como se não fôssemos eu e minha equipe os autores do Plano Real, que reduziu de 900% ao ano para um dígito), como se os 12% de inflação em 2002 fossem responsabilidade de meu governo (quando se deveram ao temor de eventuais desmandos de Lula e do PT). Não me refiro à língua solta de Lula, que diz o que quer quando lhe convém, mas ao fato de a própria presidenta e sua campanha terem endossado que o PSDB arruinou o Banco do Brasil e a Caixa, quando os repôs em sadias condições de funcionamento. E assim por diante, num rosário de mentiras e distorções, insinuando terem sido postos embaixo do tapete vários "escândalos", como o "da Pasta Rosa" ou o "do Sivam", ou "da compra de votos" da minha reeleição etc., factóides construídos com matéria falsa, levantada pelo PT, submetida a CPFs, investigações várias e julgamentos que deram em na-

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO



DIÁLOGO OU NOVAS IMPOSTURAS?

Só se pode confiar em quem demonstra com fatos a sinceridade de seus propósitos; depois de uma campanha de infâmias, só o tempo poderá restabelecer a confiança, se houver mudança real de comportamento



da por falta de veracidade nas acusações.

Mas isso não é o mais grave. Mais grave ainda é ver a reeleita colocando-se como campeã da moralidade pública. Entretanto, não respondeu à pergunta de Aécio Neves sobre se era ou não solidária com seus companheiros que estão presos na Papuda. Calou ainda diante da afirmação feita no processo sobre o Petrolão de que o tesoureiro do PT, senhor Vaccari, era quem re-

colhia propinas para seu partido. Havendo suspeitas, vá lá que não se condene antes do julgamento, mas até prova do contrário deve-se afastar o indiciado, como fez Itamar Franco com um ministro, e eu fiz com auxiliares, inocentados depois no caso Sivam. Então por que manter o tesoureiro do PT no Conselho de Itaipu?

Pior. A propaganda incentivada pela liderança maior do PT inventou uma batalha dos "po-

bres contra os ricos". Eu não sabia que metade do eleitorado brasileiro, que votou em Aécio, é composta por ricos... É difícil acreditar na boa-fé do argumento quando se sabe que 70% dos eleitores do candidato do PSDB, segundo o Datafolha, compunham-se de pessoas que ganham até três salários mínimos. A propaganda falaciosa, no caso, não está defendendo uma classe da exploração de outra, mas enganando uma parte do eleitorado em benefício dos seus autores. Isso não é política de esquerda nem de direita, é má-fé política para a manutenção do poder a qualquer custo. Igual embuste foi a insinuação de que a oposição é "contra os nordestinos", como se não houvesse nordestinos líderes do PSDB, assim como eleitores do partido no Nordeste.

Também houve erros da oposição. Quem está na oposição precisa bradar suas razões e persistir na convicção, apontar os defeitos do adversário até que o eleitorado aceite sua visão. Para isso precisa organizar-se melhor e enraizar-se nos movimentos da sociedade. Felizmente, desta vez, Aécio Neves foi firme na defesa de seus pontos de vista e, sem perder a compostura, retrucou os adversários à altura, firmando-se como um verdadeiro líder.

Diante do apelo ao diálogo da candidata eleita, devemos responder com desconfiança: primeiro, mostre que não será leniente com a corrupção. Deixe que os mais poderosos e próximos (ministros, aliados ou grandes líderes) respondam pelas acusações. Que se os julgue, antes de condenar, mas que não se obstruam os procedimentos investigatórios e legais (Lula tentou postergar a decisão do STF sobre o mensalão o quanto pôde). Que primeiro a reeleita se comprometa com o tipo de reforma política que deseja e esclareça melhor o sentido da "consulta popular" a que se refere (plebiscito ou referendo?). Que se debata, sim, na sociedade civil e no Congresso, mas que se explicito o que ela entende por reforma política. Do mesmo modo, que tome as medidas econômicas para vermos em que rumo irá o seu governo.

Só se pode confiar em quem demonstra com fatos a sinceridade de seus propósitos. Depois de uma campanha de infâmias, fica difícil crer que o diálogo proposto não seja manipulação. Só o tempo poderá restabelecer a confiança, se houver mudança real de comportamento. A confiança é como um vaso de cristal, uma pequena rachadura danifica a peça inteira. ●

MARCO AURÉLIO RUEDIGER*

Artigo

Conciliar agendas divergentes é o principal desafio do país

POLARIZAÇÃO NAS REDES

ELEIÇÕES CONSOLIDAM DUAS AGENDAS DISTINTAS, ARTICULADAS PELOS CAMPOS POLÍTICOS DE CADA CANDIDATURA À PRESIDÊNCIA.

Gráfico extraído a partir do Twitter no dia 25 de outubro
Total: 620 mil tweets

● O tamanho dos "nós" indica o número de retweets

As arestas indicam interações dos nós

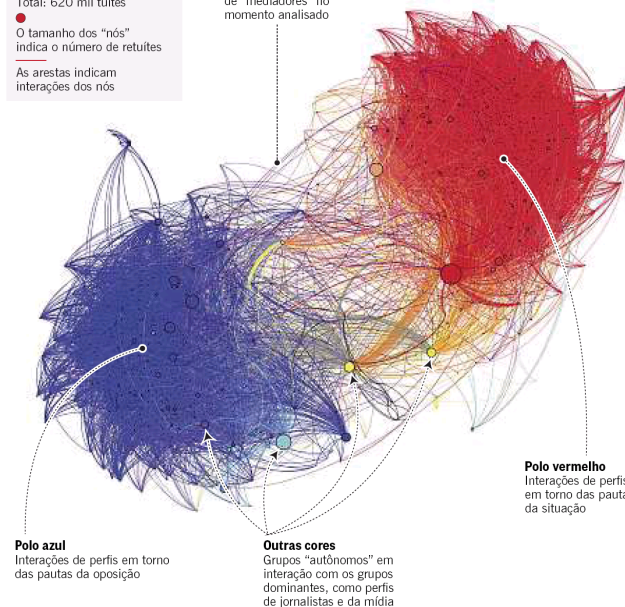
"Mediadores"
Elos frágeis entre os polos revelam déficit de "mediadores" no momento analisado

Análise das manifestações nas redes revela que houve déficit de "mediadores" entre os dois campos políticos.

A imagem, gerada a partir de uma *workstation*, revela a forte polarização entre os dois campos no Twitter. Os *nós* da rede representam perfis da rede; e as *arestas*, as interações entre eles. O retrato das redes evidencia a consolidação de dois polos correspondentes a cada candidatura e suas respectivas propostas políticas para o país.

É possível ver que a interação entre os atores na rede (indivíduos e instituições) se deu em grupos que tenderam a repassar mensagens majoritariamente entre si, revelando um déficit de "mediadores" entre os dois campos no momento analisado.

Em geral, os mediadores que mais cumpriram o papel importante de difundir informação fo-



Polo azul
Interações de perfis em torno das pautas da oposição

Outras cores
Grupos "autônomos" em interação com os grupos dominantes, como perfis de jornalistas e da mídia

Polo vermelho
Interações de perfis em torno das pautas da situação

Fonte: FGV/DAPP

Editoria de Arte

ram os meios de comunicação e atores de mídia mais influentes.

O campo representado em azul, em torno da oposição, logrou construir um eficaz debate centrado em torno da estagnação econômica e do receio de aumento da inflação, sobretudo. As denúncias de corrupção reforçaram a ideia de ineficiência do governo em lidar com a questão.

Já o campo em vermelho, cujo debate se construiu em torno da situação, gerou uma pauta em torno da defesa da manutenção das políticas sociais. De um dos lados, prevaleceram propostas de maior eficiência econômica, e do outro, uma agenda de mais igualdade social.

Assim, a existência desses dois discursos concorrentes nas redes e na sociedade também moldou em parte as estratégias dos candidatos em campanha. A oposição buscou sempre diminuir os efeitos do receio da mudança ao se comprometer pela manutenção e melhoria de políticas sociais em curso. Já a situação sinalizava sempre para a capacidade de o governo lidar bem com questões econômicas realçando a manutenção do emprego. Mas a tentativa de ambos os lados de incorporar elementos do discurso do outro campo não se mostrou eficaz.

Finalizado o pleito, as duas agendas obtiveram, cada uma, largo sufrágio, e ambas deveriam ser objetos de reflexão e de construção de uma agenda de síntese, já que apresentam pontos importantes a serem considerados, e nenhuma delas obteve uma clara hegemonia.

O Brasil demarcou, nesse sentido, tanto para a continuidade do desejo de desenvolvimento com maior promoção social, quanto expressou urgência nas demandas relativas à transparência das instituições, à qualidade nos serviços públicos e às políticas de combate à corrupção. ●

*Diretor FGV-DAPP. Contribuíram Amaro Grassi, Luís Felipe da Graça, Pedro Lenhard e Roberta Novis, pesquisadores da FGV-DAPP

FGV DAPP